



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## Escombros da Cultura

Carlos Fortuna

Cristina Meneguello

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais

Salvador, 7-10 de agosto de 2011

### Introdução

Enquanto pessoas e enquanto académicos, os autores deste texto admitem ser admiradores de edifícios em ruínas e das ruínas em geral. Estamos convencidos que essa admiração seja partilhada por muitas outras pessoas e académicos, porquanto a sua raiz se encontra no reconhecimento de como as ruínas nos confortam e surpreendem ao mesmo tempo. Quaisquer que sejam, das mais imponentes às mais singelas, as ruínas são pequenos traços de uma história social suspensa. Constituem símbolos e marcas físicas da mudança das nossas sociedades e da sua mudança ao longo do tempo. Não raramente as ruínas são objectos esteticizados, objectos de eloquentes e românticas narrativas sob a forma de livros, fotografias, vídeos... O seu fascínio gera clubes de fãs do mesmo modo que está na base de movimentos intelectuais, universitários e culturais. Alguns nem sempre interrogam as suas causas, os seus efeitos sociais e simbólicos sobre os lugares onde se situam ou as pessoas cujas vidas lhe estão ou estavam diretamente associadas. Outros, ao contrário fazem da ruína uma fonte da mais profunda heurística sobre a condição humana e social. Vem a propósito recordar Simmel e o modo como lê a ruína no centro da relação tensa entre a cultura e a natureza<sup>1</sup>. Mas também Benjamin, para quem o processo de constante construção de ruínas sinaliza o estado inacabado da moderna sociedade ocidental. Mas as ruínas são também sinal de que as cidades não morrem<sup>2</sup>. Contra a força dos seus inimigos – humanos e naturais – as cidades, mesmo se profundamente abaladas, resistem. Palmira, Persépolis ou Tebas, no limite, persistem enquanto ruína ou fragmento de um modo de vida e continuam presentes na literatura e no imaginário coletivo, como lugares turísticos, ou de memória e veneração ou simples mitificação, e acima de tudo como representação de um futuro urbano interrompido – por isso utópico, convertido

---

<sup>1</sup> Georg Simmel [1907], "A Ruína". *Revista Crítica de Ciências Sociais* (a publicar)

<sup>2</sup> Walter Benjamin, "Naples", in *Reflections*. Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovich, 1978, p. 166.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

no seu inglório passado actual.<sup>3</sup> Esta ideia de tempo suspenso torna a ruína uma possibilidade de existência e de transformação. A sua natureza é a de um possível devir. “A recompensa de não existir é estar sempre presente” como afirma o poeta<sup>4</sup>.

Inspirados por esta ideia pretendemos abordar neste texto o caso das ruínas da cultura. Tomaremos dois casos singulares como exemplos, um brasileiro, outro português. Recentes desenvolvimentos teóricos têm dado uma atenção muito particular às ruínas industriais, o seu lugar na cultura contemporânea e os usos e práticas sociais que podem alimentar<sup>5</sup>. Nossa opção nesse texto, ao contrário, centra-se no caso particular de ruínas de salas de cinema, mesmo quando são chamadas de teatros ou cine-teatros, designações que dão conta principalmente de usos que tiveram ao longo do tempo, em função da evolução das artes que albergaram. Em geral, trata-se de equipamentos culturais que pontuam nossas cidades e que revelam a história interrompida de um trajeto cultural marcante da vida urbana do século XX. Tratamos do cine Éden, na cidade de Espírito Santo do Pinhal, estado de São Paulo, e do Teatro Sousa Bastos no centro da cidade de Coimbra. Procuramos com este texto revelar não apenas a importância que esses equipamentos tiveram nos cenários culturais daquelas cidades, mas sobretudo temos intenção de refletir sobre as causas sociais de sua decadência, tirando daí conclusões sobre o modo como as políticas culturais municipais se relacionam às condições da prática cultural e enfrentam as agressivas mudanças técnicas e políticas que tocam a cultura nos nossos dias.

### A Construção dos Escombros da Cultura

No ano de 1928, Carlos Drummond de Andrade comentou no poema “O fim das coisas”<sup>6</sup> o fechamento do Cine Odeon, na Rua da Bahia, na cidade de Belo Horizonte, então jovem capital das Minas Gerais:

---

<sup>3</sup> A propósito da resiliência das cidades ver Carlos Fortuna “Ruínas e Cidades: Estética e Resiliência do Antigo”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* (a publicar).

<sup>4</sup> Fernando Pessoa/ Alberto Caeiro, *Poesia*. Companhia das Letras. S. Paulo, 2001. Citado por Andreia Moassab, in [http://www.polemica.uerj.br/pol17/cimagem/p17\\_andreia.htm](http://www.polemica.uerj.br/pol17/cimagem/p17_andreia.htm).

<sup>5</sup> Jim Edensor, *Industrial Ruins*. Nova Iorque, Berg.

<sup>6</sup> “Fechado o Cinema Odeon, na Rua da Bahia.

*Fechado para sempre.*

*Não é possível, minha mocidade*

*fecha com ele um pouco.*

*Não amadureci ainda bastante*

*para aceitar a morte das coisas*

*que minhas coisas são, sendo de outrem,*

*e até aplaudi-la, quando for o caso.*

*(Amadurecerei um dia?)*

*Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória,*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O que o poeta lamentava era a substituição dos pequenos cinemas pelas grandes salas, fomentadas pelo circuito de exibição instaurado pelas companhias cinematográficas norte-americanas, processo que mais tarde se intensificaria no período da Guerra Fria e culminaria com salas de cinema de grande porte nas principais cidades brasileiras. Estes palácios do cinema concentraram para muitas gerações pré-televisão o lazer urbano e as possibilidades de sociabilidade e encontros, ver e dar-se a ver, que ficaram indelevelmente associados aos espaços de exibição <sup>7</sup>.

Foram estas mesmas salas de exibição cinematográfica como os espaços de representação teatral que entraram em estado de decadência a partir da década de 1970, sendo transformadas em cines-pornô, em teatros pornô para shows ao vivo, em salões de igrejas, lojas com grandes depósitos ou foram simplesmente demolidas para dar espaço a outros usos e equipamentos urbanos. As poucas salas que restaram nos centros ou nos bairros, em contraposição às dos shopping-centers, acabaram por se definir por serem um circuito alternativo ao comercial, tanto na exibição de filmes europeus ou ligados às práticas do cineclubismo, fossem por passarem com certo atraso (e por mais tempo) os filmes *blockbuster* que já haviam encerrado suas estadias nos cinemas comerciais. Tendência semelhante se fez notar nas salas de teatro. Em muitos casos, a sua decadência e abandono foi, em muitos casos mediada pela sua reconversão total ou parcial em salas de cinema, à medida que a moda do animatógrafo se foi difundido a partir dos primeiros decênios do séc. XX. Primeiramente e de forma tímida, em muitos casos as salas de teatro foram permitindo a exibição de cinema e tentando, desse modo, resistir ao ímpeto do novo meio cultural. Este hibridismo<sup>8</sup>, em que o

---

*maior, mais americano, mais isso-e-aquilo.  
Quero é o derrotado Cinema Odeon,  
o miúdo, fora-de-moda Cinema Odeon.  
A espera na sala de espera. A matinê  
com Buck Jones, tombos, tiros, tramas.  
A primeira sessão e a segunda sessão da noite.  
A divina orquestra, mesmo não divina,  
costumeira. O jornal da Fox. William S. Hart.  
As meninas-de-família na platéia.  
A impossível (sonhada) bolinação,  
pobre sátiro em potencial.  
Exijo em nome da lei ou fora da lei  
que se reabram as portas e volte o passado  
musical, waldemarpissilândico, sublime agora  
que para sempre submerge em funeral de sombras  
neste primeiro lutulento de janeiro  
de 1928.”*

<sup>7</sup> Sobre a importância das salas de cinema no Brasil das décadas de 1940 e 1950, ver Cristina Meneguello. *Poeira de estrelas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

<sup>8</sup> Em Portugal durante o regime salazarista, instituiu-se mesmo a prática de criação de cine-teatros, promovendo a articulação no mesmo espaço de ambos os tipos de espetáculo. Ver Susana Constantino Peixoto da Silva, *Arquitectura de Cine-Teatros*. Coimbra, Almedina, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

mesmo espaço ora serve de sala de teatro ora de cinema, saldou-se na maioria das situações na conversão da sala de teatro em sala de exibição fílmica.

A migração dos equipamentos de cultura – teatro ou cinema - para os *shoppings* e *malls*, assim, coaduna-se com o esvaziamento dos centros urbanos e o estrangulamento de boa parte de suas funções. Resistem alguns núcleos de vida prática (cartórios, órgãos de governo ou de administração), o comércio mais popular e, entre as grandes lojas sem identidade definida, a sobrevivência, tal como enclaves que lentamente se desfazem, comércios tradicionais ou antigos magazines e restaurantes.

Recentemente as páginas dos jornais paulistanos trouxeram à luz (ao mesmo tempo que intensificaram) os impasses ao redor do fechamento do Cine Belas Artes. Cinema da região central que funcionou por 68 anos, o Belas Artes parece ter cativado um pequeno público fiel ao qual se somou um público neófito, ainda não fiel mas com desejo de fidelidade o suficiente para criar uma série de mobilizações reais e virtuais que culminaram na abertura de processo de tombamento. De modo semelhante, também os mídia em Coimbra deram grande destaque à “falência” do Teatro Sousa Bastos que passou por peripécias diversas até ao seu encerramento nos meados dos 1970s e posterior venda do edifício para uso privado.

Nem a sala de cinema nem o teatro de que gostaríamos de falar existem mais. Ou melhor, existem, mas em estado de ruína. São vestígios apenas de tempos e de formas de expressão cultural que sucumbiram perante o imparável desafio das modernas tecnologias ou modos urbanos de experimentação cultural. O cinema e o teatro de que gostaríamos de falar existem hoje apenas como passado e como memória.

### O Caso do Cine Éden

O Cine Éden situa-se na pequena cidade de Espírito Santo do Pinhal, quase divisa com Minas Gerais, foi inaugurada em 1913 e demolida em 2010<sup>9</sup>. Nela, em 28 de janeiro de 2011, um estudante de arquitetura organizou uma sessão de despedida, levando centenas de pessoas para assistir, em meio aos escombros e ao ar livre, os filmes *Tristeza do Jeca* de Mazzaropi (1961, dir. Milton Amaral), *Quanto mais Quente Melhor* (Some Like it Hot, 1959, dir. Billy Wilder) com Marilyn Monroe e as cenas da demolição do Cinema Paradiso (1988, dir. Giuseppe Tornatore), porém passadas do fim para o começo.

O Cine Éden, originalmente um teatro com lotação de 900 pessoas inaugurado em 6 de junho de 1913, possuía platéia, frisas no formato de ferradura e uma fachada adornada por uma lira no alto do frontão. No final da década de quarenta passou por uma reforma, que o adaptou à função de cinema: deixou de ter as frisas e passou a contar somente com os assentos da platéia, sendo a fachada modificada para aproximar-se do padrão comercial de cinema

---

<sup>9</sup> Segundo os dados do IBGE, Espírito Santo do Pinhal contava, em 2010, com 41 mil habitantes, o que a caracteriza como cidade de pequeno porte para os padrões do estado de São Paulo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

americano. Nesta reforma, ganhou um átrio marcado por duas colunas arredondadas sob uma marquise que avançava sobre o passeio público, demarcando o acesso central e uma bilheteria lateral. Nesta transformação, o antigo palco tornou-se o local da projeção.

A última exibição de filmes no Éden ocorreu em 1992, com o filme *The Doors* (dir. Oliver Stone, 1991). Em dezembro de 2010 o edifício foi demolido. As etapas da demolição foram dando acesso a formas arquitetônicas antes ocultas, algumas alteradas pela ocupação com lojas que o edifício sofrera entre o fechamento como sala de cinema e a demolição final. O espaço vazio deixado acentuou a dimensão do outrora existente edifício. Restou o antigo palco, transformado agora em grande pórtico “contra o vazio, as paredes curvas nas laterais próximas às coxias, bases sólidas com banheiros em cada lado e uma grande dupla de vigas atravessadas e ornadas com modenaturas 10”. Mantido por razões técnicas e de segurança, a sobrevivência do palco, na visão do organizador do evento “Adeus Cine Éden”, foi o que manteve tão intensamente a essência do lugar. No dia do evento de despedida do cine Éden, os organizadores venceram algumas burocracias e resistências comuns às cidades pequenas; posicionaram singelas cadeiras de plástico no mesmo sentido da platéia e improvisaram uma tela de projeção emoldurada pelo palco remanescente ao fundo. Pipoqueiro, um altar de tijolos com películas 35mm sobre ele, antigos cartazes de cinema, um pedaço de tapete vermelho e luzes completaram a ambiência. “A noite passou como um sonho (...) uma noite festiva toda para a tristeza, uma festa da tristeza, como um Samba <sup>11</sup>”

O espaço em que se localiza o que resta do Teatro Sousa Bastos tem um longo e peculiar trajeto histórico na cidade de Coimbra. Hoje ruína, o Teatro Sousa Bastos situa-se na velha “Alta” da cidade de Coimbra. Erguido sobre o que antes fora a Igreja de S. Cristóvão, datada do séc. XII, para dar lugar ao Teatro D. Luís, nos últimos anos da Monarquia portuguesa. Viria a dar lugar após anos de reconstrução ao Teatro Sousa Bastos, inaugurado em 1913 já em plena República.

A autorização régia que permitiu a reconversão em teatro de uma antiga igreja, não era inédita em Portugal, onde existiam outros casos de Igrejas que passaram a albergar teatros. Previa a demolição da antiga igreja, o que só sucedeu indiretamente, mantendo-se o compromisso que conservou a designação do nome de S. Cristóvão, mas agora como teatro – Teatro S. Cristóvão<sup>12</sup>. Em 1861 este seria designado de Teatro de D. Luiz Primeiro, em homenagem ao monarca. Anos sucessivos de uso sem manutenção degradaram o Teatro D. Luiz que, em 1898, apresentava riscos de desabamento da parede lateral<sup>13</sup>. Já em pleno século XX, as obras de

---

<sup>10</sup> Frederico Vergueiro Costa. Adeus Cine-Teatro. Feliz Cine-Rua. Frederico Costa foi o idealizador e produtor do evento “Saideira do Éden” junto com Simone Yunes. Minha Cidade. Vitruvius. ano 11, jun 2011. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.131/3910>

<sup>11</sup> Frederico Vergueiro Costa. Adeus Cine Teatro. Cit.

<sup>12</sup> GAMBINI, Lúcia Inês, Teatro Sousa Bastos: As primeiras décadas de história. Coimbra, 1999. CCRC.

<sup>13</sup> idem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

reconstrução previam 48 camarotes (que acabariam por ser estendidos para 60), uma galeria para 400 pessoas e uma plateia (500). Existem descrições que relatam um “interior... era pintado em brando e dourado, enquanto o exterior, com decorações artísticas, era pintado cor-de-rosa...”. Em Março de 1913, antes da inauguração é anunciado o novo nome: Teatro Sousa Bastos, uma homenagem do novo proprietário (Manuel Bastos Esteves) a seu tio, o conhecido dramaturgo<sup>14</sup>.

O “novo” Teatro viria a ser inaugurado a 15 de Junho de 1914, pela Companhia de Teatro Avenida, de Lisboa, ainda que na frontaria seria inscrita a data de 1910 (MCMX) ano da implantação da República que deste modo era celebrada.

O estado de abandono e ruína a que o Sousa Bastos foi sendo votado deu origem a diversas manifestações sociais de contestação e debate público, envolvendo diversos agentes, decisores políticos e organizações locais. Mais do que colocar a ênfase no simples edifício em ruína, o discurso sobre o velho Teatro foi fazendo destacar progressivamente um edifício como metáfora da negligência e da incúria das autoridades municipais, acusadas de deixar arruinar a cultura no seu todo.

Um movimento social de grande dinamismo – Movimento Sousa Bastos Vivo, criado em 2001 – deu sequência a diversas reivindicações que foram sendo desenhadas pondo o Sousa Bastos como património cultural a preservar e fazendo dele o motor da reabilitação urbana de toda a “Alta” da cidade. Simbolicamente, e à semelhança da festa de despedida do Cine Éden, o Movimento promoveu um desfile performativo noturno pelas principais artérias da cidade como ação de denúncia e chamada de atenção da população para a dimensão cultural e artística<sup>15</sup>, a que se seguiriam depois uma ação de dinamização socio-cultural juntando idosos e crianças (com ateliês de música, dança, artes plásticas e expressão dramática) e uma vigília de uma semana junto ao edifício em ruínas.<sup>16</sup>

Jornais locais (mas não a grande imprensa brasileira ou portuguesa, ou a imprensa nacional embora avisadas) cobriram ambos os eventos – a festa de despedida e o desfile performativo. No caso da despedida do Cine Éden foi nítida a reutilização da fórmula da nostalgia, dos “anos que não voltam mais”, No caso do desfile performativo do Sousa Bastos, destacou-se principalmente o interesse dos promotores em destacar o potencial socio-cultural que a recuperação do velho teatro poderia representar (Diário de Coimbra, 24-11-2001). Aqui e ali, surgiram registros e opiniões dos mais diversos participantes. O destaque dado às opiniões dos mais sublinhava o efeito sobre felicidades passadas vividas no Cine Éden:

---

<sup>14</sup> António de Sousa Bastos (1844-1911) foi jornalista, dramaturgo e empresário do teatro em Portugal e no Brasil. Compôs numerosos dramas românticos, comédias e operetas, assim como dirigiu jornais e revistas. A sua obra principal foi o *Dicionário dos Teatros*.

<sup>15</sup> Diário de Coimbra, 14-07-2001.

<sup>16</sup> Diário de Coimbra, 4-12-2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Estou muito emocionada de estar aqui. Fui uma das primeiras a chegar, não queria perder a oportunidade de ver de novo um filme aqui. Lembro que vinha no cinema com meu namorado que depois se tornou marido. Hoje, vim acompanhada da minha filha e da minha neta para relembrar bons momentos que vivi [ Maria Elvidia da Silva, de 54 anos].

Eu era um frequentador assíduo desde criança. Nunca vou esquecer dos filmes que assisti. Não lembro o nome deles, mas lembro que adorei ver um filme que se passava na África e outro que contava a história de índios. Eu era bem criança e nunca me esqueci das imagens. A pipoca também era uma delícia [José Colletti, de 86 anos].

Eu me recordo dos filmes do Mazaropi e de filmes italianos, eu adorava assistir. Aqui tinha também uns camarotes lindos, herança da fase que foi teatro [Maria Helena Vergueiro Costa, 84 anos, neta do fundador do teatro]<sup>17</sup>.

No caso de Coimbra, a ação de rua buscava a mobilização da cidade para a questão cultural em geral<sup>18</sup>:

Saímos para a rua porque [na cidade] não há espaços para executar estas atividades culturais e artísticas (Luísa Sousa, *Diário de Coimbra*, 14-07-2001).

Com esta iniciativa pretendemos demonstrar o potencial que este projeto socio-cultural possui, no que à sua vertente de interação com a terceira idade e a infância se refere (*Diário de Coimbra*, 24-11-2001).

Com a intenção de fomentar pelo menos uma tomada de posição que “vincule” as candidaturas [às eleições autárquicas de 16-12-2001] e que depois venha a estar na origem de uma solução por parte do executivo municipal. (*Diário As Beiras*, 10-12-2001).

---

<sup>17</sup> “Evento relembra bons tempos do extinto Cine Éden” Jornal O Correio Popular, Campinas, 01/02/2011.

<sup>18</sup> Todas as referências tiradas de Andrea Catarina M. Gaspar, *Património e Política: O Teatro Sousa Bastos como objeto de tradução*. Coimbra, Faculdade de Economia, Dissertação de Mestrado. 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

De que modos podemos compreender o desaparecimento destes locais de cultura na cidade e o frágil renascimento de interesse pelos mesmos locais, dentro dos projetos recentes de requalificação urbana?

Nas linguagens atuais, aqueles que eram simplesmente “cinemas” passaram a ser chamados “de rua”, em oposição evidente aos cinemas de shopping Center. O tom de marginalidade não se restringe à utilização que lembra o vagar dos moradores de rua das grandes metrópoles, mas o contraponto com a própria idéia de “rua”. O recente fechamento de salas de cinema (o Tovoli e o Avenida, no caso de Coimbra) aponta para o afastamento dos programas culturais da rua em função de lugares especializados na lógica do consumo e da mercadorização da cultura. As novas lógicas dos lotes urbanos não podem permitir usos tão pouco econômicos em que a possibilidade do lazer mostra-se de desconforto (insegurança, dificuldade em estacionar, ruas vazias).

A organização das cidades em *“unidades autárquicas com acesso por meio de automóveis, cercadas e vigiadas, como condomínios fechados, hipermercados e shopping centers, tem levado a um processo de abandono das ruas como espaço público e de decadência do seu comércio e lazer”*. O desaparecimento dos cinemas “de rua” faz parte deste processo. Paradoxalmente, o número de salas aumentou (shoppings) com as lotações porém sempre menores. O fechamento dos cinemas de rua leva à morte da própria rua. *“Cinemas geram movimento e vida, que extravasam para as ruas”* e esta faz parte da lógica dos shoppings que os acolhem<sup>19</sup>.

Recentemente, em reportagem, Ricardo Difini, presidente da Federação Nacional Das Empresas Exibidoras Cinematográficas (Feneec), classificou os cinemas de rua como “negócio em extinção”.

O que nos leva a uma outra pergunta: podem ainda os cinemas serem chamados de “equipamento de lazer” ou de diversão urbana? No Brasil, segundo os dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine), as pouco mais de 2.000 salas de exibição brasileiras estão concentradas em 8% dos municípios do país. Estes dados são de 2008 para 2009, assim como os dados do fechamento de salas de rua. Em Belo Horizonte das 74 salas, em um ano ficaram 55; São Paulo fechou 67 salas na rua (restando 135) no Rio, houve diminuição de salas em shoppings e de rua, caíram de 92 para 50.

O segundo fator é a fragilidade dos instrumentos legais para conter os movimentos de transformação urbana. Em 18 de janeiro o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) aprovou a abertura do processo de tombamento do Cine Belas Artes, medida que protege o imóvel como está hoje até que seja julgado o tombamento.

---

<sup>19</sup> Cinemas de rua e a desertificação do espaço público de São Paulo, Nabil Bonduki 13 de janeiro de 2011



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Na esteira do Belas Artes, observa-se um crescimento em teses e livros recentes (geralmente financiados sobre os próprios autores) sobre antigas salas de cinema ou a sociabilidade do “ir ao cinema”<sup>20</sup> ou o surgimento de grupos e associações que procuram localizar cinemas ainda existentes. Há blogs como “Cinemas de Rua, sua cidade ainda tem?” em que vários internautas enviam fotos e comentários sobre cinemas sobreviventes (e em funcionamento) existentes em suas cidades<sup>21</sup>.

Em 2001 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE lançou o Perfil dos Municípios Brasileiros e a imprensa rapidamente apontou que “92% das cidades não têm cinema”. Os dados são parcialmente confiáveis pois, desde que o Instituto não tem mais agentes para a coleta de dados nos municípios e estes se responsabilizam pelo preenchimento dos formulários; neste caso, dos 645 municípios do Estado de São Paulo, dois não preencheram o formulário no quesito sobre a existência ou não de salas exibidoras, sendo que outros 215 deram como informação um sintético “ignorado” (30% do universo de municípios paulistas)<sup>22</sup>

Segundo José Inacio de Melo Souza, “se 215 municípios não sabem o significado para “cinema”, ou então o desdenhem como objeto de prazer, outros 316 declararam “zero” para tal tipo de “equipamento cultural”, terminologia empregada pelos estatísticos do governo. Somando-se “ignorado” com “zero” chegamos ao número de 112 municípios paulistas “com cinema”. Por sua vez, todos os municípios com mais de 500 mil habitantes possuem um equipamento cultural chamado “shopping-center”. Em 1983, 273 municípios declararam possuir cinemas, sendo que em 1990, o número baixou para 150.3 Em 1983 tínhamos 544 salas abertas (127 só na capital), quando em 1990 o número tinha caído para 254 (a capital não foi pesquisada).<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> livros recentes A Segunda Cinelândia Carioca: cinemas, sociabilidade e memória na Tijuca é o resultado de uma pesquisa, desenvolvida entre os anos de 2007 e 2009, por Talitha Ferraz. (Trechos do capítulo “Os Cinemas” do livro “No tempo das matinês – Emoções no cinema de bairro”, de Diamantino da Silva, Umberto Losso e Kendi Sakamoto – Editora Laços – 2007)

<sup>21</sup> <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=646535> cinemas de rua sua cidade ainda tem? Por sua vez, as notícias com cinemas que fecham as portas são constantes. Gemini, na avenida Paulista, com dívida de 500 mil reais, foi arrematado por quase 3 milhões [Diário de São Paulo, 29/04/2010]; bem mais recentemente, o enorme Alvorada – 1168 lugares- na pequena cidade de Leme no interior de São Paulo, também encerrou as atividades [31/03/2011. Eptv.com]

<sup>22</sup> José Inacio de Melo Souza. O IBGE e a realidade do mercado exibidor. In: [www.mnemocine.com.br](http://www.mnemocine.com.br). A pesquisa em questão é IBGE. Perfil dos municípios brasileiros: pesquisa de informações básicas municipais 1999. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

<sup>23</sup> Esses números contrastam vivamente com os do final da década de 50. Em 1959, a pesquisa independente José Renato Roux contou 400 cidades em São Paulo com salas de exibição, somando 886 cinemas Roux. José Renato Ferreira. Cinemas do Brasil. São Paulo, 1960. Citado por Inácio Melo Souza. Tampouco se pode esquecer que, nas décadas de 1940 e 50, fábricas, salões paroquiais, auditórios de rádios tinham seus próprios cinemas na bitola de 35 mm ou na de 16 mm. Em 1916, quando a fronteira agrícola paulista ainda estava aberta, 67 cidades ao longo das ferrovias Mogiana, Paulista ou Araraquarense possuíam cinemas com uma oferta de 50.853 lugares. São Paulo. Anuário estatístico de São Paulo, 1916. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1918. Também citado por Melo Souza.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O fenômeno novo a observar não é o fechamento de salas de cinema, mas a sensibilidade a ele. O tombamento tem sido uma resposta única para uma infinidade de prejuízos sociais e espaciais urbanos, mas que ainda conta com instrumentos legais limitados e metodologia imprecisa. Mas por que um processo consistente de decadência passa, em alguns momentos em especial, a lidar com uma urgência das cidades em redimensionar os seus espaços de cultura que se encontram em escombros?

### O Caso do Teatro Sousa Bastos

Podemos conceber comparações entre essa percepção da desapareição de espaços urbanos e de novos movimentos de requalificação com o caso português? Nossa proposta é buscar uma breve comparação com o que sucede com o Teatro Sousa Bastos<sup>24</sup>.

Após as peripécias históricas já referidas acima, no próprio ano de sua inauguração como Teatro Sousa Bastos, em 1914, a sua programação anuncia ao lado das representações teatrais, também sessões semanais de animatógrafo, em clara concorrência com o Teatro Avenida (tendo-lhe até conquistado o operador de animatógrafo, que detinha uma espécie de monopólio dessa actividade de animação na cidade de Coimbra).

As sessões de apresentação de *films* mudos eram acompanhadas por um quarteto dirigido por Tomás de Lima (violinista e compositor) e constituído ainda por Maurícia Índias (violocello), Armando Leça (piano) e José Antunes (contrabaixo).

Com o tempo juntaram-se ao cinematógrafo espectáculos de variedades, englobando dançarinos, acrobatas, malabaristas numa espécie de teatro-circo. Também foram feitas diversas matinée-concerto (a primeira das quais teve lugar em 29 de Novembro de 1914 e contou com a presença da cantora lírica espanhola Emiliana Salgado, e incluiu trechos de Carmen e variações do Barbeiro de Sevilha). Numa outra sessão famosa que contou “com a presença de muitas das principais famílias conimbricenses”, teve lugar a 7 de Dezembro e assinalou a primeira atuação de José Viana da Mota, consagrado pianista português.

O negócio cultural parece não ter sido coroado de êxito financeiro. A localização, a qualidade dos programas da concorrência (Teatro Avenida), a dificuldade em manter os cachés dos grupos de Lisboa, e a restrita audiência, começaram a criar dificuldades ao empresário e no ano de 1916 (em dia indeterminado) o Teatro havia de ser encerrado.

Foi ainda reaberto em 1916, agora com a gerência e a estratégia empresarial mais aguerrida do Sr. José Guilherme dos Santos, de que era sinal a regular publicidade incluída na Gazeta de Coimbra e a contratação de Companhias estrangeiras.

---

<sup>24</sup> GAMBINI, Lúcia Inês, *Teatro Sousa Bastos: As primeiras décadas de história*. Coimbra, 1999. CCRC.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O curso deste Teatro, embora atribulado, lá consegue destaques de imprensa que sublinham “as enchentes nesta elegante casa de espectáculos, ponto de reunião da “elite” conimbricense”...

A natureza do Teatro, sujeito às mudanças da economia da cultura da época, foi sendo alterada e sendo marcada pela crescente importância da actividade cinematográfica. Em 1931, por exemplo, a *Coimbra-Films*, torna-se proprietária do teatro (“imóvel, mobiliário e demais pertencas”) e dedica-se em exclusivo a sessões de cinema, registando-se em 1934 “intensa actividade no teatro Sousa Bastos, com sessões de cinema e anúncios nos jornais diários”.

Após ter sido encerrado durante a segunda Guerra mundial, o edificio seria objeto de remodelação no final da década de 40, tendo surgido então os traços Art Deco que podem ainda ser testemunhados na fachada. Esta renovação estética trouxe de novo o Sousa Bastos a um estatuto de sala de luxo e assim permaneceu por mais uns vinte anos, incluindo o período em que dominavam as películas de feição neo-realista das décadas de 60 e 70. Aquando da Revolução dos Cravos (1974) que traria a democracia ao país, o Sousa Bastos era já em exclusivo uma sala de cinema, totalmente marginal na cena cultural elitista e consagrada da cidade. Tendo perdido a sua vocação para as artes de palco, dedicava-se à passagem de filmes de baixa qualidade, *westerns* e filmes pornográficos. Foi a fase que abriu caminho à atual crise e conduziria ao estado de total abandono em que se encontra nos nossos dias.

Em 1982, com a saída da empresa indiana que detinha a exploração do cinema, o Sousa Bastos foi trespassado para a Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais BONIFRATES. De acordo com Andrea Gaspar<sup>25</sup>, é claro que nesta fase se reacendeu-se então a ambição de converter de novo o Sousa Bastos, fazendo dele um “teatro de bairro” e um “centro cultural”. Para tanto foi ensaiada a possibilidade sem sucesso de aquisição do edificio em favor daquela grupo de teatro amador. A ideia de base foi a de “criar um espaço de cultura acessível à população, que não será exclusivo da BONIFRATES, mas antes estará à disposição da cidade”<sup>26</sup>. Em anos sucessivos envolvimento na tentativa de construção do centro cultural, entretanto, as dificuldades em assegurar a aquisição do edificio não foram nunca removidas, agravando-se o estado físico de conservação do mesmo. Impossibilitada de assegurar a sua aquisição pela BONIFRATES, surgiu então a hipótese e de esta ser feita em nome o município. Gorou-se igualmente esta solução e, em 1989, foi negociada a transferência do trespasse da Cooperativa BONIFRATES para o Teatro Avenida, a troco da cedência e equipamento de uma sala para que aí desenvolvesse a sua actividade. Quando o Teatro Avenida foi demolido para dar lugar a um novo *shopping center* da cidade, a ironia da história trouxe o velho Teatro Sousa Bastos a uma

---

<sup>25</sup> Seguimos aqui de perto a descrição oferecida por GASPAS, Andrea Catarina Marques, *Património e Política: O Teatro Sousa Bastos como objecto de tradução*. Coimbra, Dissertação de Mestrado (Faculdade de Economia), 2005.

<sup>26</sup> Assim se exprimia José Barata, um destacado membro da BONIFRATES ao *Jornal de Notícias* em 8 de março de 1982.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nava condição. Foi agora convertido em galpão onde haveriam de ser armazenados os equipamentos recuperáveis do Avenida desaparecido, que ainda ali permanecem por entre os escombros.

Adquirido por uma empresa imobiliária em 1992, quando foi anunciada a intenção do novo proprietário de ali construir um “empreendimento comercial” gerou uma renovada onda de protestos que levariam à constituição do Movimento SOS – Salvem o Sousa Bastos. Este seria o embrião de um outro movimento (Movimento Sousa Bastos Vivo) de defesa e preservação do Sousa Bastos e da ideia de o trazer de volta à actividade cultural.

Por entre estas peripécias, podemos ver que o Teatro Sousa Bastos é hoje a ruína de várias ruínas. De marca da religiosidade de Coimbra dos tempos da fundação da nacionalidade, haveria de dar lugar a uma marca cultural nos tempos da monarquia portuguesa. Recuperado pela República a partir de 1910, passou por tempos conturbados durante o período da Guerra e do salazarismo. Não sem ironia, com a democracia haveria de tornar-se em agonizante ruína. Mas uma ruína especial, pois que encerra nos seus escombros vestígios de temporalidades tão diversas quanto usos múltiplos que serviu (igreja, teatro, cine-teatro, cinema, galpão).

Para muito o Sousa Bastos é mais, muito mais, do que o edifício esventrado. É uma marca simbólica da cultura de Coimbra, com direito ao reconhecimento de um estatuto de património da Alta da cidade. Com efeito o antigo Teatro integra a lista do Património com interesse arquitectónico e turístico de Coimbra. Triste consolo para tão glorioso passado. Escassa protecção para a memória local, já que aquele estatuto não impede a sua morte agonizante nem a demolição por que parece reclamar.

...